

**Conceitos fundamentais da Psicanálise**

**Apresentação, leitura e comentários de  
Seminários e textos de Jacques Lacan**

*Os Nomes-do-Pai*

e

*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*

**Paulo Medeiros**

7 - 11 de maio de 2004

*Memória e transcrição de gravação<sup>1</sup>*

Leitura a partir da página 17, item 3.

Um livro sempre remete a outros numa série infinda, como uma biblioteca a não se completar, como nossos significantes; então as associações vêm. A referência aí à Agricultura conduziu-nos ao nome de um escritor no campo psicanalítico, psicanalista, ex-membro da École Freudienne de Paris, e ex-analisante de Lacan. Lacan procurava extrair da escuta numa situação de análise os elementos que lhe impulsionavam à elaboração do discurso psicanalítico. Digo-lhes isto neste contexto porque a formação desse escritor e ex-analisante de Lacan era na área da Agronomia, um agrônomo, portanto, que se tornou psicanalista e escreveu livros muito bons abordando a temática – como era de origem judaica – do judaísmo no pensamento de Freud e de Lacan. Seu nome é Gérard Haddad, e existem pelo menos dois de seus livros já editados no Brasil: *O filho ilegítimo* e *O dia em que Lacan me adotou*, que lhes recomendo a leitura para comporem uma idéia da clínica de Lacan e dos avatares da herança institucional lacaniana em Paris. Sua formação básica foi a Agronomia, depois fez Medicina por considerar haver uma lacuna em sua formação, foi membro da *École* mas, após a morte de Lacan, não ficou em nenhuma das instituições que se formaram após a dissolução da *École* porque, creio, o quadro político-institucional não era dos mais favoráveis ao espírito da ex-*École*. Mas chamo a atenção para essa passagem no texto do Seminário somente para frisar uma possível alusão à escuta de um analisante.

<sup>1</sup> Paulo Medeiros, Maria Teodora de Barros Oliveira e Dulcinea Santos

<p>Intervenção - ...</p> <p>Ah, sim, possivelmente, pois Lacan era muito ligado a essas questões, e aqui, parece, ele está a indagar sobre o que, afinal de contas, se pode considerar como Ciência ou como científico. Agronomia, então, por exemplo, é uma Ciência? Ou Agricultura. Ele está a indagar o que pode formalizar um campo e designá-lo científico. Um outro texto que lhes recomendaria sobre esse assunto é um livro de Roland Barthes, <i>O rumor da língua</i>, onde, num dos capítulos iniciais, ele discute, no seu campo, o da Lingüística e o da Semiologia, o mesmo tema, abordando o ensino da ciência, mostrando ser o discurso universitário aquele que oficializa, de modo limitado, o que deve ser considerado como sendo científico.</p> <p>Continuação da leitura do Seminário.</p> <p>Há a ressaltar aí tão somente o aspecto haver um elemento além da estrutura ternária, pois Lacan irá trabalhar com uma estrutura quaternária, como veremos, nas suas proposições lógicas.</p> <p>Continuação da leitura do Seminário.</p> <p>Intervenção - ...</p> <p>Sim, Otto Fenichel. Eu não recomendaria essa leitura, a não ser como pesquisa no campo da História da Psicanálise. Trata-se de uma leitura fastidiosa, chata, muito chata, e desatualizada.</p> <p>Intervenção - ...</p> <p>Sim, mas era muito fiel no sentido da literalidade, sem conseguir metaforizar nada. Sem atualizar tal leitura, muitos elementos, o texto de Freud torna-se incompreensível diante de novos elementos que a Cultura está sempre a promover.</p> <p>Continuação da leitura.</p> <p>Intervenção - ...</p> <p>Mas não há uma resposta tão direta e pronta assim. Pode até ser que, ao final de nossa leitura de todo o texto possamos encontrar algo a respeito.</p>
--

Se há algo sempre recomendável em Psicanálise é não haver pressa; se correremos, poderemos tropeçar.

Intervenção - ...

Estão juntos, parece-me. Aquela questão que comentamos à propósito, a relação Sujeito-objeto está nesse contexto. Tradicionalmente, o que encontrávamos era uma teoria do conhecimento que coloca de um lado um sujeito e do outro um objeto, um objeto passível de apreensão por um sujeito impassível. Numa relação de análise não há algum sujeito-objeto, há dois sujeitos em presença, e, entre os dois, o desejo de cada um. Nesse sentido torna-se impossível ser pensada tal relação nos moldes de uma teoria clássica do conhecimento.

Intervenções - ...

Continuação da leitura.

Notemos aí a importância dessa relação do desejo com a linguagem, do falar enquanto constituinte do desejo nas relações do desejo com a linguagem. Não somos portadores de baús de desejos, mas eles se articulam numa fala num contexto transferencial. O próprio falar vai constituindo esse desejo, pois o desejo é algo articulado na linguagem.

Continuação da leitura.

Estamos aí diante de algo fundamental à Psicanálise, ou seja, a todos aqueles que, como nós, mantêm uma relação transferencial para com a Psicanálise, uma indagação perene sobre qual teria sido o desejo de Freud com a Psicanálise que fundou. O que foi que em Freud deixou de ser analisado e nos foi assim transmitido? Freud não fez análise; não havia Psicanálise, não havia ainda nenhum analista. Freud foi o primeiro, o Um e o primeiro. Então, não havendo feito sua análise, algo do seu desejo nos é transferido sem haver sido analisado, mantendo assim na Psicanálise, em seu núcleo, uma incógnita, cujo benefício é o de manter sempre em aberto o que seja o cerne da Psicanálise, para nós desvendarmos, sempre parcialmente, algo desse desejo originário.

Continuação da leitura.

Reparem como está escrito os *Nomes-do-Pai*. Há aí uma diferença, diferença no seguinte sentido: na escrita do próprio

Lacan, ele escreveu primeiro no singular, em letras minúsculas e sem hífen, o *nome do pai*. Encontra-se no texto *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*. Já aqui encontramos escrito no plural, em letras maiúsculas e com hífen, isso, presumivelmente, a partir do Seminário anterior a esse, interrompido, e do qual só apresentou uma sessão, como vimos. Aqui se trata de uma transcrição escrita por outro, mas, por certo, aprovada por Lacan, porquanto editado enquanto ele ainda vivia.

Há ainda um outro aspecto que se pode extrair, extrair no sentido exegético do termo – do vocábulo *Noms*, que é o seguinte: há uma homofonia, em francês, para *Nom*, a qual, dependendo do contexto, pode soar como *Nome* mas também como *Não*. Há aí uma metáfora possível na relação entre desejo e Lei, que podemos ler indicada na Cultura. Em nossa Cultura, todo nós recebemos forte influência da tradição cultural religiosa judaico-cristã. Nesta tradição há a apresentação de um pacto firmado entre duas culturas, cuja expressão está contida no Decálogo. Como começam os Mandamentos?

- Não...

Exatamente! NÃO. Não farás isso... Não farás aquilo... etc. Não, não, não, não ao que é desejável.

Intervenção - ...

Então, aquilo que é do desejo, ou seja, quando se fala em desejo, há na Psicanálise, o emprego de um termo bastante próprio, corolário ao desejo: gozo. A Lei, no caso, é o que limita o gozo; a Lei é o elemento da Cultura que barra o gozo de algum modo.

Naquele Seminário de Lacan sobre os *Noms-do-Pai*, ou os *Nãos-do-Pai*, uma forma possível, como estamos sugerindo, há um encontro, expresso numa dimensão divina - isto é, como superior à dimensão humana, no que podemos chamar, estruturalmente, de supra-humana porquanto necessária à Cultura – há, pois, um encontro entre duas representações simbólicas culturais particulares àquele grupo, mas demandando universalidade, isto é, colocando-se acima do particular e fazendo-se necessária: dois deuses se fundem, tornando-se um, único, adorado por todos os que participaram daquela experiência. Havia um deus, próprio a uma

determinada cultura tribal Cananéia, chamado El-Shaday, um deus colérico, sem conhecer limites ao seu desejo, de puro gozo, portanto. Era um deus que, por qualquer razão, era capaz de se encolerizar e matar a partir dos caprichos de sua vontade. Houve um pacto, sendo pacto a essência do que se pode caracterizar como Simbólico. Então, esse deus colérico, gozador, gozador no sentido de poder realizar seus desejos sem obedecer a quaisquer limites, torna-se compactuado, legalizado no sentido da Cultura egípcia. O que veio do Egito foi uma concepção cultural religiosa muito mais abstrata, baseada mais em compromissos éticos do que nesse tipo de gozo encontrado na Cananéia. Então o pacto foi o processo formalizado entre duas fontes culturais para instituir um deus que passa a ser um deus compactuado.

*Les noms du père*, o título do Seminário de Lacan que já vimos, pode também ser ouvido, além de como foi escrito, *os nomes do pai*, como os *nãos do pai*, entendido como uma fórmula para a metaforização do desejo, possível pela via da interdição, do *não*. Dessa forma, a cada não encontrado no Decálogo corresponde ao desejo. Por exemplo: *Não matarás* indica o desejo de matar, desejo a ser metaforizado a partir de sua interdição. O *gozo* estaria em matar; a metáfora está em falar sobre tal desejo, sem praticá-lo, realizando-o unicamente na fala. Ressaltemos, por ora, aquilo que pode parecer, à primeira vista, um simples trocadilho, mas trata-se, na verdade, de formas encontradas na fala para expressões conceituais. São equivalências possíveis, na retórica lacaniana, na língua francesa, mas nem sempre equivalentes em nossa língua.

Continuação da leitura na página 19.

Intervenção - ...

Há um momento em que Lacan falou em álgebra, na página 17: “*O desejo do analista, em cada caso, não pode de modo algum ser deixado fora de nossa questão, pela razão de que o problema da formação do analista o coloca. E a análise didática não pode servir para outra coisa senão para levá-lo a esse ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista.*” Acentuemos tão somente, por ora, o termo álgebra, ou seja: Lacan trabalhou todo o tempo na formalização dos conceitos psicanalíticos, criando, para tanto, uma álgebra, uma álgebra que podemos considerá-la do campo psicanalítico, tanto quanto os matemáticos inventam-na para

progredir, avançar com a Matemática. Assim, quando Lacan aborda o desejo do psicanalista o faz designando-o no campo da Psicanálise por um termo algébrico designado por ele como objeto *a*. Esse objeto, objeto *a*, é o objeto da Psicanálise, ou seja, o do desejo do analista em relação ao desejo de Freud, ou, para usar um termo lógico-matemático, *sucessor de*

Intervenção - ...

A Dirce está fazendo referência a um dos Seminários de Lacan, anterior a este que estamos a estudar, e que foi editado no Brasil com o título *A transferência*, seguindo o título da edição francesa *Le transfert*. Algo a ser observado é que Lacan está todo o tempo a dialogar com textos em seus Seminários, e, no caso daquele Seminário, seu diálogo foi, além de Freud, com Platão e com Paul Claudel. O diálogo de Platão analisado naquele ano por Lacan é o que encontramos traduzido com o título *Banquete, Symposium* em grego, cujo tema é uma narrativa sobre *Eros*. Trata-se de um Seminário extraordinário. Lamentável haver sido publicada uma versão simplesmente ilegível essa do jeito em que está, só devendo ser lido em edições livres. Como venho frisando para vocês, não se trata de uma questão de tradução, mas de versão, sendo essa versão francesa absurdamente truncada. Lacan, ali, aborda justamente essa circulação do desejo, onde situá-la; o desejo, de onde provém, a quem se dirige, como se articula. Registramos, em nossa memória dos tempos escolares, a máxima atribuída a Sócrates: só sei que nada sei, não inteiramente verdadeira, porquanto Sócrates teria afirmado um certo saber sobre o desejo na relação amado-amante, ou seja, um certo saber sobre o amor. Ora, o amor, chamado transferência na Psicanálise, é com que lidamos em análise. Podemos nos indagar a razão de Sócrates não haver sido o primeiro psicanalista, pois ele tratava do mesmo tema que nos concerne.

Intervenção - ...

Nesse sentido está próximo do que Freud descobriu através do que denominou, no seu tempo, histeria, ou seja, aquilo que foi revelado a Freud, isto é, o desejo enquanto desejo do que falta, sendo sempre por outra coisa, nada o satisfazendo, nada completando essa falta desejante. O que poderia completar essa falta é o que a Psicanálise denomina *falo*. Falo seria, então, esse algo que daria uma significação completa para o desejo

materno. E nisso falo confunde-se com filho. E também aí está articulado o que se denomina nome do pai, ou seja, se para uma mãe o objeto último do desejo se apresenta como sendo um filho, filho no lugar do falo, está no lugar daquilo que daria uma significação última para o desejo, isto é, o realizaria. Para Lacan Falo é o único símbolo para a Psicanálise, símbolo para a falta, a falta de completude do Outro. Ele o escreveu com a letra grega Phi maiúscula,  $\Phi$ . Este é o ponto de partida para qualquer equação proposicional relativa ao desejo. Lacan a escreveu assim: **D**, para desejo, **M**, para mãe, formando **DM**, sobre um elemento, um elemento incógnito, **x**, aquele que seria complementar ao desejo desejante por se realizar, e o **Nome-do-Pai**, escrito **NP**, vem como o termo substitutivo, ou seja, metafórico, metafórico ao desejo, substituindo sua realização impossível por algum outro termo, colocado sobre uma barra, uma barra infinitizada, intransponível, sobre a qual o desejo articulado à linguagem desliza infinitamente sobre um significado para o desejo. Temos então, os elementos da equação: O Desejo, sua incógnita, sua Metáfora, também chamada metáfora paterna, e a barra. Essa substituição metafórica, a de um termo por outro, está sempre acompanhada por uma outra figura de linguagem que designa o fato linguageiro da manutenção em vários termos de um elemento comum, a metonímia. Assim, enquanto a metáfora processa a substituição de um termo por outro na abordagem da articulação desejante na linguagem, a metonímia é o fenômeno desse fato linguageiro que mantém, como constante, um elemento mínimo dessa articulação. Então essas duas figuras de linguagem, esses dois tropos, a metáfora e metonímia, são de uso freqüente em Lacan. Está na fala a constituição do desejo, desejo articulado como linguagem. O objeto do desejo não existe, subsiste na fala, como fato de linguagem. Há até aquele famoso título do filme de Bunuel a esclarecer alguns aspectos disso: *Esse obscuro objeto do desejo* E, em Freud, ao término da leitura de sua *Onirologia*, guardamos a impressão de que, na verdade, os sonhos não são para serem realizados, são para serem sonhados. Enfim, os desejos são para serem desejados, não para serem realizados. Desejo puro, se o há, é como o de *Antígona* na Mitologia, é o da morte. Não é só com esse desejo que lidamos, esse desejo de morte, mas junto com tal desejo há aquele, corolário, que corresponde ao da vida.

	<p>Intervenção - ...</p> <p>Diante da impossibilidade de se realizar sonhos, há, no entanto, a possibilidade, para o Sujeito, de buscar seu lugar nesse lugar do desejo de outrem. O Sujeito está, nessa articulação desejante, colocado como objeto do desejo do outro, e, afinal, numa análise, poderá se indagar: e o meu desejo, existe?</p> <p>Intervenção - ...</p> <p>Amante. <i>Érastès, Érômenós</i>, amado.</p> <p>Eu lhes trouxe hoje um texto, gostaria de lê-lo para vocês, em relação ao que concerne a essa função psicanalista no contexto de nossas discussões sobre Psicanálise, Ciência, Arte, Religião. É o texto da correspondência entre Freud e Pfister. Notem o som da letra <i>f</i> nos nomes, indício de uma possível relação transferencial fundada em tal significante. Esse texto foi editado no Brasil pela <i>Ultimato</i> Editora, de Viçosa, MG, em 1998. Pfister foi um pastor e educador e sua compreensão sobre a Psicanálise não excedeu o campo da moral e da educação cristãs. Estabeleceram, de fato, uma amizade, algo pouco comum entre psicanalistas. Pfister foi o amigo mais próximo de Freud, uma amizade estabelecida numa sólida confiança moral e intelectual.</p> <p>Selecionei, da Correspondência, três cartas para apresentar-lhes, duas de Freud e uma de Pfister, datadas de 25 de novembro de 1928, de Freud a Pfister, de Pfister a Freud, de 9 de fevereiro de 1929, e de Freud a Pfister de 16 de fevereiro de 1929.</p> <p>Leitura das cartas.</p>
--	---